

**Os Ventos da Vida
E
Dependência Química**

de

John E. Burns, PhD

Uma aplicação de
Psicologia Arquetípica

Edição Dezembro 2007

Dedicatória

Dedicado à inimaginável Liliana
E suas imagens Daniel e Mônica

Conteúdo

	Página
• Tratamento de Dependência Química -----	4
• Psicologia Arquetípica -----	5
• A Metáfora do Marinheiro e o Vento -----	7
• Os Ventos da Vida -----	10
• Velejando -----	14
• A Viagem -----	21
• Psicologia Arquetípica -----	23
• Terapia -----	26
• Lendo Mais -----	28

Tratamento de Dependência Química

Recuperação da dependência de álcool e outras drogas requerem um novo estilo de vida, uma nova perspectiva.

É tão simples como isto.

Nossa experiência de 25 anos nos centros de tratamento Vila Serena¹ tem demonstrado que as modalidades tradicionais de psicologia e psiquiatria, usando remédios e manuais para classificar e tratar as causas de doenças emocionais é pouco eficaz para dependentes químicos.

Dependentes químicos não são doentes mentais, são pessoas que demonstram muita tenacidade e criatividade², procurando encontrar um sentido existencial neste mundo: Por que estamos aqui e o que é esperado de nós? Por que levantar de manhã? Por que não se suicidar?

A resposta não está em psicologia e psiquiatria tradicional, mas numa abordagem mais filosófica que trata de princípios fundamentais, e descobrimos isto há alguns anos atrás na Psicologia Arquetípica.

O assunto deste livro.

¹ www.vilaserena.com.br

² Alguns exemplos: Anais Nin, Boris Yeltsin, Carmen Miranda, Cazusa, Conrad Aiken, Denis Carvalho, Dorothy Parker, E.E. Cummings, Edgar Allen Poe, Edmund Wilson, Edna St. Vincent Millay, Elis Regina, Elizabeth Taylor, Elton John, Elvis Presley, Eric Clapton, Ernest Hemingway, Eugene O'Neil, F. Scott Fitzgerald, Felipe Camargo, Fred Mercury, Hart Crane, Irwin Shaw, Isadora Duncan, J.P. Marquand, Jack Kerouac, Jack London, James Taylor, James Thurber, Janio Quadros, Janis Joplin, Jerry Garcia, Jim Morrison, Jimi Hendrix, John Berryman, John Cheever, John O'Hara, John Steinbeck, Judy Garland, Kurt Cobain, Lulu Santos, Marilyn Monroe, Mike Jaegher, O Henry, Orson Welles, Phillip Jones, Raul Seixas, Raymond Chandler, Renato Russo, Ricahrd Burton, Ring Lardner, Robert Ruark, Sinclair Lewis, Stephen Crane, Tennessee Williams, Theodore Dreiser, Thomas Wolfe, Tim Maia, Truman Capote, Vera Fischer, Wallace Stevens, William Faulkner, William Saroyan.

Psicologia Arquetípica

Psicologia arquetípica é um movimento filosófico, bem diferente de nosso conceito de psicologia praticada hoje.

Como isto aconteceu?

- Carl Gustav Jung, contemporâneo de Freud teve uma visão de psicologia bem abrangente, se baseando nos filósofos Gregos como Heraclitus, Platão e Plotinus e pensadores da Renascença como Marsílio Ficino e Giambattista Vico.
- Eles usavam uma linguagem psicológica para entender o mundo, não tratar doenças mentais, assim, palavras como arquétipos, alma, imagens, fantasia, mito-poético, politeísmo, patologia e psicologia tinham significados que diferem da psicologia acadêmica de hoje.
- Depois que Jung faleceu em 1961, o diretor de estudos do Instituto Jung em Zurich, Suíça, James Hillman, observou que os ensinamentos que Jung deixou, estavam sendo mal utilizados e liderou um movimento para manter o espírito e o vocabulário originais.
- Esse movimento é chamado Psicologia Arquetípica.

James Hillman com outros acadêmicos como Patrícia Berry, Raphael Lopez-Pedraza, Edward Casey, David Miller e Mary Watkins continuam desenvolvendo esse trabalho.

Eu já tive contato pessoal com todos quando me encorajaram a aplicar a psicologia arquetípica no tratamento de dependência química, e já foi publicado um artigo meu sobre esse assunto num jornal Jungiano.³

Tem sido difícil explicar Psicologia Arquetípica aos nossos terapeutas e pacientes devido a múltiplos sentidos do seu vocabulário, assim, vou deixar a linguagem da psicologia arquetípica de lado, e através de uma metáfora,

³ Ver "Psicologia Arquetípica e o Tratamento de Adicção" - Artigo publicado no "Spring - A Journal of Archetype and Culture", o mais antigo jornal Jungiano no Spring-Summer Edition, 1999, página 15, em <http://www.vilaserenasp.com.br/fundamentos.htm>.

tentar uma explicação mais acessível.

Em um dos últimos capítulos voltaremos para o vocabulário original de psicologia arquetípica.

Mas, primeiro, A Metáfora, no próximo capítulo.

A Metáfora do Marinheiro e Vento

O que é uma metáfora?

- É uma frase ou história cujo significado natural é substituído por outro.
- É a descrição de algo de uma forma diferente do original e esta diferença reside no sentimento e na percepção.
- Ela sempre começa com algo conhecido como o vento para descrever o desconhecido, como a vida. Ela sempre se inicia com uma referência comparativa conhecida, como o vento, para podermos captar o sentido do elemento desconhecido, neste caso, a vida.

Exemplos:

- Maria é uma flor.
- Coração de pedra.
- A chave do problema.
- A Amazônia é o pulmão do mundo.
- Suas palavras cortaram o silêncio.

Há sempre um espaço entre os dois elementos da metáfora para imaginar ou interpretar. Por exemplo:

- Que tipo de flor é Maria?
- Essa pessoa nasceu com esse coração de pedra?
- Sua chave do problema é diferente da minha?
- Como o pulmão da Amazônia respira?

- O corte das palavras deixou feridos?

Se houver um problema na família e falarmos que “o circo pegou fogo”, podemos imaginar um circo pegando fogo com gritos, culpados, pessoas fugindo, calor, pânico ou animais berrando, e aplicarmos estas deduções ao problema que a família tem.

A metáfora que vamos usar é uma resposta à pergunta:

Como viver a vida?

Nossa metáfora:

Perguntaram para um marinheiro sentado no seu barquinho à vela, o que era o vento e ele respondeu que não tinha nenhuma idéia de onde vinha ou aonde ia, mas sabia utilizá-lo.

Temos dois elementos:

O marinheiro e os ventos.  A vida.

Utilizando as figuras marinheiro, ventos, barco, velas e velejando podemos levantar muitas comparações:

- Quais são os “ventos” da minha vida?
- Esses ventos da vida sempre podem ser velejados?
- Tenho que sair no barco, confrontar os ventos da vida, todo o dia?
- E se não há vento?
- E as ondas?

Para utilizar bem essa metáfora, vamos aprofundar três aspectos nos próximos três capítulos:

- Os Ventos da Vida – Como é que podemos dar nomes a esses ventos?
- Velejando – Há diversas maneiras de confrontar os ventos da vida?

- A Viagem – Minha viagem na vida depende dos ventos e como eu velejo?

Os Ventos da Vida

Os ventos da vida significam tudo o que acontece na vida, todas as “coisas da vida”, e há tantos significados que é difícil descrevê-los. Os ventos da vida podem vir através de:⁴

Amor	Fadas	Papo
Arte	Família	Parábolas
Brigas	Filme	Piadas
Compulsões	Fofoca	Poemas
Conhecidos	Impulsos	Publicidade
Conversas	Leitura ⁵	Religião
Dogmas	Literatura	Saudades
Emoções	Livros	Sexo
Escola	Manias	Sonhando
Estórias	Música	Tragédia

Tudo o que acontece na vida.

O universo em atividade com suas plantas, animais, seres humanos e galáxias não veio com etiquetas ou manuais. Inventamos diversas maneiras de caracterizar esses ventos.

Os Gregos fizeram isto através de milhares de mitos com seus deuses, heróis e mortais, por exemplo:

Nome Grego/Romano	Função
Zeus/Júpiter	Deus do céu, da ordem e a justiça no mundo.
Hera/Juno	Deusa do casamento.
Héstia/Vesta	Deusa dos lares e protetora da família.
Deméter/Ceres	Deusa da fertilidade.
Posídon/Netuno	Deus dos mares.

⁴ Não é incluída televisão porque que traz percepções somente sensíveis – ralas – chapada – superficial leva ao irreal. Não tem sombras na televisão. Televisão vive na realidade de outros nas novelas e “reality shows”. São ventos falsos, divertimento sem corpo – perigoso. Ver meus comentários em Burns, John, “A Beleza e Justiça dos 12 Passos”, Loyola, 2005, p. 107.

⁵ A mais rica fonte de ventos profundos, ver, Burns, John, “A Beleza e Justiça dos 12 Passos”, Loyola, 2005, p. 115.

Afrodite/Vênus	Deusa da beleza e do amor.
Atena/Minerva	Deusa da guerra.
Ares/Marte	Deus da guerra.
Hefasto/Vulcano	Deus do fogo.

Uma outra maneira de classificar os ventos, são todos os estados de espírito que aparecem dentro de nós:

Amado	Empático	Inquieto	Rígido
Amedrontado	Enciumado	Inútil	Romântico
Amoroso	Enraivecido	Invejoso	Sábio
Apaixonado	Erótico	Jovial	Sádico
Apático	Estúpido	Julgador	Sedutor
Arrasado	Eufórico	Leal	Sensual
Aterrorizado	Falso	Louco	Sexual
Autoconfiante	Feio	Macho	Simpático
Bonito	Galanteador	Maldoso	Sincero
Calmo	Generoso	Manipulador	Solitário
Carente	Genuíno	Masculino	Suícida
Competente	Herói	Masquista	Superior
Compreensivo	Hipocondríaco	Médico	Teimoso
Corajoso	Hipócrita	Medroso	Tímido
Covarde	Homicida	Melancólico	Tolerante
Criança	Hostil	Mentiroso	Tolo
Criativo	Humilhado	Nervoso	Tranqüilo
Cruel	Ignorado	Orgulhoso	Triste
Curioso	Impaciente	Otimista	Vaidoso
Decepcionado	Independente	Paranóico	Velho
Deprimido	Indiferente	Perseguido	Vencedor
Derrotado	Indolente	Preconceituoso	Vingativo
Desanimado	Inferior	Radiante	Violento
Desorientado	Inibido	Religioso	Vítima

Teoricamente, todo o comportamento humano, todos os ventos estão contidos nos sete pecados capitais e nas sete virtudes:

Soberbia -----	Humildade
Inveja -----	Amor ao Próximo
Ira -----	Paciência
Preguiça -----	Constância
Avareza -----	Misericórdia
Gula -----	Temperança
Luxúria -----	Moderação

Os possíveis ventos da vida são infinitos e nunca vêm sozinhos.

Queremos enfatizar:

- Não controlamos os ventos.
- Eles vêm e vão quando bem entendem. Podemos tentar fugir, mas sempre aparecem.⁶
- Os ventos que entram na vida de cada pessoa são diferentes, e podemos chamar esse conjunto de ventos de personalidade, destino, vocação, ego ou daimon.
- Como os ventos estão sempre em fluxo, a verdade absoluta não existe.
- Os ventos nos educam. São nosso professor, preceptor, mentor e guru.
- Ventos não têm uma finalidade em ser, simplesmente são.
- Eles se definem em termos de lugar, tempo, e circunstâncias.
- Não criamos ventos

⁶ Em cima da porta da casa de Carl Jung e no tumulto dele, ele inscreveu essa expressão em Latim, “Vocatus, atque non vocatus, deus aderit”, “Chamado ou não chamado, deus aparece.”

. . . nunca interpretamos os ventos,

. . . só ficamos com eles.

Vamos velejar esses ventos.

-X-

Velejando

Há três maneiras de velejar com os ventos da vida:⁷

1) Agüentar - brigar:

- Por que eu?
- A vida é injusta.
- Sou vítima.
- A culpa é sua.

Mas,

- Não controlamos os ventos.
- Eles é que vêm e vão quando decidem.
- Podemos tentar fugir, mas sempre aparecem.
- Ventos não têm uma finalidade em si, simplesmente são.

2) Evitar - correr:

- Negação – não está acontecendo.
- Isolamento.
- Remédios e drogas.
- Suicídio.

Mas,

- Os ventos que entram na vida de cada pessoa são diferentes, e podemos chamar esse conjunto de ventos, de sua personalidade, destino, vocação, ego ou daimon.
- Ventos se definem em termos de seu lugar, tempo e circunstâncias.

⁷ Baseado em, Casey, Edward, "Toward na Archetypal Psychology, Spring Journal, 1974, p. 16.

3) Utilizar - curtir:

- Manter uma visão de todos.
- É um teatro em que sou ator e audiência.
- Uma viagem fantástica.
- Uma realidade que está sempre mudando.

E sim,

- Os ventos educam. São nosso professor, preceptor, mentor e guru.
- Como os ventos estão sempre em fluxo, a verdade absoluta não existe.
- Não criamos ventos,
 . . . nunca interpretamos os ventos,
 . . . só ficamos com eles.

Essas três maneiras de velejar não andam sozinhas. Passamos do primeiro, “Brigar”, para o segundo, “Fugir”, para chegar ao terceiro, “Curtir”.

Há pessoas que ficam paradas no primeiro, sempre reclamando e com raiva da vida.

Outras pessoas ficam paradas entre o primeiro e segundo, tentando fugir como dependente químico.

O ideal seria o terceiro, aprender a abraçar os ventos fazendo isto em quatro etapas:

1) Reconhecer:

- Quais são os ventos que estão aqui hoje?
- Seus nomes?

Por exemplo:

- Paixão?
- Ciúmes?
- Depressão?
- Bom humor?

- Pânico?

2) Apreciar:

- O que esses ventos estão dizendo?
- O que eles têm para ensinar?

Por exemplo:

- É paixão ou amor?
- É ciúmes mesmo?
- O que essa depressão está querendo?
- Posso me sentir bem sem motivo?
- Pânico do que?

3) Escolher:

- Vamos tentar focalizar nos escolhidos, mas estar atento a todos.
- Como não os controlamos, alguns vão ficar fortemente presente.

Por exemplo:

- Paixão, atenderei você mais tarde.
- Ciúmes, estou cansando, fique quieto.
- Depressão, fique na fila.
- Estou gostando deste bom humor.
- Pânico, tenho que ver você de perto, está incomodando. O que você quer?

4) Aprofundar:

- Vamos ficar com os escolhidos ou fortes e ver aonde vão.
- Só ficar com os ventos, não interpretá-los ou transformá-los em símbolos.

Por exemplo:

- Vou ficar nesse vento de bom humor e ver o que esse irritante pânico está querendo e, paixão, ciúmes e depressão, vamos conversar mais tarde,

mas fique por aí, porque talvez você tenha algo a dizer a esse pânico.

- Não vou entender os ventos, só conhecê-los.
- Os ventos indicam o caminho.
- Eles mudam sozinhos.

Vamos encarar os ventos e ir fundo.

Algumas ondas que os ventos criam

Sonhos

O sonho é um bom exemplo de como os ventos são autônomos. Não temos sonhos, somos sonhados. De manhã falamos que sonhamos, mas estávamos dentro do sonho, não o sonho dentro de nós.

São ventos que frequentemente apresentam os resíduos do dia, sem sentido, mas um vento forte que podemos continuar a sonhar, a aprofundar:

- Não perguntamos o que significa porque não é símbolo.
- Podemos continuar sonhando, aprofundando.
- Só ficar com o sonho.
- Sonhos são um nó de ventinhos condensados que podemos desatar, imagem por imagem, ventinho por ventinho.
- Qual é o drama, história ou ficção no sonho?
- As partes do sonho têm ligações?

Só não perguntar o que significa porque vai destruir o sonho. O sonho fugirá, irá embora.

Crianças

- Nunca devemos desencorajar a criança de ver as coisas pela imaginação, aprofundar um vento, dizendo que aquilo não é “real”.
- As crianças são inicialmente centradas na sua própria pessoa, seu ego, no entanto, através de linguagem e brincando elas estabelecem um relacionamento com outros e coisas através dos ventos da imaginação.
- Elas vivem num mundo de ventos antes de falar. E quando falam, é com seus bonecos e dedos, brincando com a realidade, vendo as coisas poeticamente, e não devemos perder isto.
- Preservando a habilidade da criança dialogar com suas próprias imagens, ventos, permitimos que sigam sua própria daimon.
- Diálogos imaginários não distorcem a realidade, mas criam, aprofundam, expressam a natureza poética e dramática de nossa realidade.

Educação

Não se precisa de muita escola, viagens ou experiências para saber velejar, ser inteligente, um sábio ou poeta. É só aprofundar o momento.

Aprofundar os ventos enriquece o real, literal, e isto é educação.

As escolas ensinam técnicas literais que precisam ser aprofundadas.

Psicopatologias

Como sabemos que um vento não é uma ilusão, desilusão, paranóia ou alucinação?

Ventos têm essas características:

- Emoção – Cria alguma sensação.

- Conteúdo – Traz uma história.
- Valor – É importante. Tem energia.
- Profundeza – Não tem fundo.
- Relacionamento – Refere-se aos outros ventos.

A chave está na última característica: Relacionamento.

- Os ventos sempre vêm bem acompanhados.
- Psicopatologia é isolamento num vento isolado.
- Paranóia é acreditar que só um vento é real ou verdadeiro.
- Personalidades múltiplas podem ser vistas como ventos múltiplos.

No outro lado, os ventos nos levam, aprofundam para terras novas e inimagináveis, curiosas e até bizarras, mas precisamos dessas visitas excêntricas, nossas neuroses. Carl Jung escreveu:

- Nós não devemos tentar ‘eliminar’ uma neurose, mas tentar vivenciar o que ela significa, o que tem a ensinar e qual é a sua finalidade.
- Devemos mesmo aprender e ser gratos a ela, pois do contrário passamos ao lado dela e perdemos a oportunidade de conhecer como realmente somos. . .
- Uma neurose é verdadeiramente removida somente quando é removida a falsa atitude do ego.
- Nós não a curamos - ela nos cura. Uma pessoa está doente, mas a doença é a tentativa da natureza de curar essa pessoa. ”⁸

Não há um vento normal. A única coisa que podemos dizer sobre o normal

⁸ De Jung, C.G., Collected Works CW, Translated R;F;C; Hull, Princeton University Press, 1953-1979, 10.361.

é que este não existe.

Podemos existir sem um terapeuta, mas não nossas patologias.

Depressão⁹

Hoje não tem vento, mas vai voltar. Sempre.

Depressão é essencial para o sentido trágico da vida.

Uma sociedade que não permite a seus indivíduos “deprimir-se” não pode encontrar a sua profundidade e deve ficar permanentemente inflada numa perturbação maníaca disfarçada de “crescimento”.¹⁰

Religião

- Para alguns sopra forte.
- Para outros, não.
- E para outros já soprou forte mas, não mais.

Deus

A realidade não existe, mas cada um cria a sua. Todos nós temos uma impressão de realidade, mas ninguém sabe o que é a realidade, e por isto talvez precisem de um vento chamado Deus, porque é bom saber que existe algo, em algum lugar, que sabe e entende tudo e todos.

⁹ Primeira coisa que aprendi na aula de velejar foi como endireitar o barco quando vira.

¹⁰ Hillman, James, “Psicologia Arquetípica – Um Breve Relato”, Cultrix, 1983, p. 73.

A Viagem

Velejando os ventos encontramos:

Ironia.
 Humor.
 Compaixão.
 Tudo é vivo.
 Muita energia.
 A vida fascinante.
 Tudo relacionado.
 Uma história nova.
 Ilusões necessárias.
 Tudo como metáfora.
 A família como circo.
 Traumas com contexto.
 Tudo e todos têm sentido.
 Ambigüidade como normal.
 Eventos viram experiências.
 A realidade redonda, não plana.
 Há sempre uma outra possibilidade.
 Bonito e feio em vez de certo e errado.
 Excêntrico em vez de defeitos de caráter.
 O objetivo não é crescimento para perfeição.
 Dor e depressão são mais profundas, mas faz sentido.

T.S. Eliot:

Tivemos a experiência, mas perdemos o sentido,
 Abordando o sentido, restauramos a experiência.
 Numa forma diferente, além de qualquer sentido. . . ¹¹

James Hillman

Um novo sentimento de perdoar-se e aceitar-se começa a espalhar e

¹¹ Eliot, T.S., “Four Quartets”, Harcourt, Brace & Co., Nova York, 1943.

circular. É como se o coração. . . estivesse aumentando sua influência.

Aspectos sombrios da personalidade continuam com seu peso negativo, mas agora dentro de um contexto de uma “estória” mais ampla, o mito de si mesmo, e o começo de um sentimento de que eu sou como eu devo ser.

Meu mito transforma-se em minha verdade; minha vida torna-se simbólica e alegórica.

Perdoar-se, aceitar-se, amar-se e mais, perceber-se como pecador, mas sem culpa; agradecido por seus pecados e não pelos pecados dos outros, amando seu destino até o ponto de sempre estar desejando ser como é, e manter esse relacionamento consigo mesmo.¹²

Albert Einstein

O ser humano é uma parte da totalidade que nós chamamos de universo, somos uma parte limitada em espaço e tempo.

Ele sente que seus pensamentos e sentimentos são coisas separadas de outras, uma espécie de ilusão ótica da consciência.

Essa ilusão é uma espécie de prisão para nós, restringindo-nos a nossos desejos pessoais e afeição às pessoas mais chegadas a nós.

Nossa meta deve ser nos livrar desta prisão, através do aumento de nosso círculo de compaixão para abraçar todas as criaturas vivas e a totalidade da natureza e sua beleza.

Precisamos uma nova modalidade de pensar se vamos sobreviver.¹³

Imaginação é mais importante do que conhecimento.¹⁴

¹² Hillman, J., *Insearch – Psychology and Religion*, 1994, Spring Publications, Woodstock, Connecticut, 2nd Revised Edition, p. 119.

¹³ Dass, Ram e Gorman, Paul, (1985). How Can I Help? - Stories and Reflections on Service, Knopf. p. 20.

¹⁴ Thomas Friedman citando Isaacson, Walter, “Einstein: His Life and Universe”, 2007.

Psicologia Arquetípica

Para entender Psicologia Arquetípica, trocam-se essas palavras:

Arquétipo = Vento
Imagens = Ventos
Alma = Viagem

É diferente de psicologia acadêmica ou clínica:

Psicologia Acadêmica	Psicologia Arquetípica
Psicologia.	Psique.
Ego.	Alma.
Subjetivo.	Universal.
Individual.	Holístico.
Por quê?	Que?
Uma ciência literal.	Uma visão poética.
Ponderado.	Humorístico.
Acadêmico.	Popular.
Estudado.	Celebrado.
Científico.	Estético.
Estático.	Vibrante.
Real.	Imaginário.
Uma metodologia.	Uma perspectiva.
Absoluto.	Paradoxal.
Sistema teórico.	Movimento aberto.
Consistente.	Ambíguo.
Informação.	Valor.
Dogmático.	Espiritual.
Percepção.	Imaginação.
Solene.	Entusiasta.
Analisar.	Ficar.
Causas.	Espontâneo.
Focaliza na pessoa.	Focaliza na cultura.
Trata doenças.	Cultiva imaginação.
Busca o normal.	Valoriza o excêntrico. ¹⁵

¹⁵ Também o absurdo, esquisito, estranho ou bizarro.

Monoteísta.	Politeísta.
O real é imaginal.	O imaginal é real.
Freud	Jung

Arquétipo = Vento

- Não são explicáveis.
- São as formas mais básicas, as pedras fundamentais.
- Arquétipos não têm um conteúdo pré-determinado.
- Não podemos inspecionar um arquétipo, só sua manifestação: Imagens = Ventos.
- São predisposições psíquicas que formam tipos de imagem = vento.
- Não são categorias para diagnóstico.

Imagens = Ventos

O que a imagem não é:

- Não são símbolos, mas uma imagem pode incluir uns símbolos.
- Não é o que você vê, mas como você vê.
- Não é aquilo que se vê, mas a maneira como se vê.
- Não é a projeção, mas o projetor.
- Não pode ser algo somente na frente dos globos oculares, ou diante do olho da minha mente.
- Não são cenas, retratos, fotografias, impressões fotográficas ou filmadas que são percebidos através dos sentidos, gerando percepções, que podem ou não gerar uma imagem.¹⁶

¹⁶ Palavras geram imagens diretamente porque não são presas nos sentidos. Assim leituras e estórias são os

O que imagens são:

Algo em que eu entro, não entra em mim e pelo qual sou abraçado e têm:

- Emoção – Cria alguma sensação.
- Conteúdo – Traz uma história.
- Valor – É importante. Tem energia.
- Relacionamento – Refere às outras imagens.
- Profundezza – Não tem fundo.

Alma = Viagem

Alma não tem nada com o conceito cristão de alma, mas é o estado e espírito que resulta de lidar com imagens.

O poeta John Keats escreveu “que o mundo é o vale do cultivo da alma”.¹⁷

A alma é um conceito deliberadamente ambíguo que resiste a toda definição. Ela:

- Transforma eventos em experiências.
- É comunicada no amor.
- Tem uma relação particular com a morte.
- Está presente em sonhos e imagens.
- Vê tudo como metáfora.

caminhos para imagens.

¹⁷ H. B. Forman, ed., “The Letters of John Keats”, Reeves & Turner, 1895, carta de abril 1819, p. 326.

Terapia

Fica com a imagem.¹⁸

Tão simples e tão difícil.

- Queremos ficar com a imagem, aprofundar, ouvindo o que a imagem tem a falar.
- Deixe as imagens aparecerem, se manifestarem, funcionarem.
- Sempre caminhe mais um passo até chegar naquele lugar onde eu sou eu e livre. Perspectiva.
- O que é que a imagem quer?
- Não volte para o conhecido, mas vá para o fundo, o desconhecido.
- Deixe isto acontecer.

Se o terapeuta tem essa mentalidade, não importa sua linha ou metodologia.

Com essa perspectiva o terapeuta e o paciente se manterão interessados, porque a imagem sempre significa mais do que apresenta com suas ilimitadas ambigüidades e profundezas.

No fim, tudo é metáfora – vento - imagem.¹⁹

¹⁸ "Fiel à imagem" tornou-se o lema, a regra de ouro do método da psicologia arquetípica já que a imagem é o primeiro dado psicológico. Berry, Patricia, "An Approach to the Dream", Spring 1974.

¹⁹ Ficando ou sendo fiel à imagem cria uma perspectiva, visão poética:

- Quando falamos de uma visão poética, não estamos falando de poesia, poetas ou poemas, mas uma visão, perspectiva ou mentalidade poética.
- Uma visão poética é caracterizada por dúvida. Tudo é sempre provisório. Nada é fixo. Tudo pode ser mudado.
- Uma visão poética vive confortavelmente com paradoxo, ambivalência e contradição como algo normal.
- Uma visão poética é caracterizada por uma mente aberta, mistério, imaginação, mágica, criatividade e muita energia.
- Uma visão poética é caracterizada por ironia, humor, compaixão, gargalhadas.
- Uma visão poética por uma mentalidade em que "a verdade" não existe. É a habilidade de sempre se manter aberto a uma outra resposta. Não existe dono da verdade porque não existe "a verdade". O dono da verdade por definição é paranóico por ter definido o que é "a verdade" literal. Uma

visão poética questiona se a religião baseada em revelação é paranóica. Uma visão poética reconhece a inconsciência como uma presença, não um lugar, onde reside o desconhecido que pode apresentar uma outra opção a qualquer momento. Literalismo nega a existência da inconsciência.

- Uma visão poética reconhece o charlatanismo em qualquer terapia. Tudo não funciona para todos. Assim, erros e becos sem saída fazem parte de uma visão poética.
- Utilizando os clássicos como Shakespeare, mitologia, dinâmicas criativas, drama, artes manuais e poemas na programação de tratamento não necessariamente criam um clima de visão poética. Esses instrumentos são valiosos e ajudam muito a aprofundar um clima poético uma vez que existe, mas não cria em si.

Lendo Mais

Não tem bibliografia porque recolhi essas notas e impressões no decorrer dos anos, principalmente de James Hillman, Patrícia Berry, Raphael Lopez-Pedraza, Edward Casey, David Miller e Mary Watkins.

Não há nada original neste livreto, citei poucas referências porque coloquei os pensamentos como acho que os leitores podem entender, assim, assumo a responsabilidade.

O livro em português que melhor resume a psicologia arquetípica é:
Hillman, James, Psicologia Arquetípica – Um Breve Relato, Cultrix, 1983.

Este e os outros livros de James Hillman disponíveis em português podem ser adquiridos no <http://www.editoravilaserena.com.br/>.

Há um excelente site que contém matéria sobre psicologia arquetípica.
<http://www.rubedo.psc.br/inicio.htm>.